

Futebol, imprensa e memória

Antonio Jorge Soares*
Ronaldo Helal**
Marco Antonio Santoro***

O artigo analisa a memória do futebol brasileiro nas narrativas produzidas pela imprensa esportiva. Os esquecimentos e silêncios possuem uma funcionalidade na manutenção e construção das memórias. Em sociedades letradas, os jornais cumprem um importante papel na construção da memória social. A partir desses pressupostos, levantamos como hipótese que os eventos sobre a seleção tricampeã de 1970 são narrados pela imprensa sofrendo um processo de seleção e edição que se ajustam às demandas de afirmação da identidade do futebol-arte. A idéia do futebol-arte traz consigo imagens e categorias que se confundem com a identidade do brasileiro. Tomamos como material de análise os jornais editados durante as duas últimas Copas (1998-2002) e os jornais editados durante a Copa de 1970, a fim de comparar as imagens e as narrativas construídas, em sincronia com os eventos de 1970, com aquelas construídas diacronicamente.

Palavras-chave: futebol, identidade, memória.

This paper analyses the memory of Brazilian football on the discourse of sports press. Oblivions and silences play a part on the maintenance and construction of memories. On literate societies, newspapers play an important role on the construction of social memory. Taking this for granted, our hypothesis is that the events related to the Brazilian winners of the 1970 World Cup are narrated by the press according to a process of selection and edition that fits well to the demand of affirmation of the “football-art” identity. This notion brings along many images and categories that mix with Brazilian identity. We take as a corpus newspapers published during the last two World Cups (1998-2002) and the newspapers published during the 1970 World Cup, seeking to compare the images and narratives built on both historical periods, synchronic and diachronically.

Keywords: football, identity, memory.

El artículo analiza la memoria del fútbol brasileño en las narrativas producidas por la prensa deportiva. Los olvidos y silencios poseen una funcionalidad en la mantención y construcción de las memorias. En sociedades letradas, los diarios cumplen un importante papel en la construcción de la memoria social. A partir de estas presuposiciones, levantamos como hipótesis que los eventos sobre la selección tricampeona de 1970 son narrados por la prensa sufriendo un proceso de selección y edición que se ajustan a las demandas de afirmación de la identidad del fútbol-arte. La idea del “fútbol-arte” trae consigo imágenes y categorías que se confunden con la identidad del brasileño. Tomamos diarios editados durante las dos últimas Copas (1998-2002) y los diarios editados durante la Copa de 1970, en el sentido de comparar las imágenes y narrativas construidas, en sincronía a los eventos de 1970, con las construidas diacrónicamente.

Palabras-clave: fútbol, identidad, memoria.

* Professor Doutor da Universidade Gama Filho (UGF).

** Professor Doutor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

*** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho (UGF).

Introdução

Este trabalho tem por objetivo investigar a “reconstrução” e “atualização” da memória no universo do futebol, a partir de uma análise comparativa das matérias de jornais sobre a conquista da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970 com as matérias que remetem a essa conquista nas Copas de 1998 e 2002. Pretende-se, com esta investigação, identificar a funcionalidade dos “esquecimentos” na “construção” da identidade nacional através do futebol, bem como compreender esse universo como um campo de tensões na afirmação de identidades.

A memória no campo da história já rendeu um significativo debate sobre o assunto que gerou argumentos de distinção conceitual (Silva, 2002): uma visão positivista toma memória como distorção, ideologia, ficção ou simples narrativa identitária; outra visão a entende como uma das formas de acesso ao passado que reflete o acontecido no presente e o projeta no futuro. Na segunda perspectiva, apesar de a memória representar aquilo que uma coletividade ou um indivíduo permitiu que chegasse ao presente com imagens, escrita e oralidades, muitas das vezes distorcidas e opacas, ainda assim essa narrativa tem como pretensão a verdade, seja com base na experiência ou nos fragmentos discursivos, imagens e documentos que se apresentam ao presente. Nesse particular, memória e história compartilham do mesmo valor da busca da verdade, mesmo que seja por diferentes caminhos (Silva, 2002).

Não devemos colocar a memória em oposição à história porque, em última instância, a história é uma expressão da memória ou uma “construção” desta. Tomar a memória de um indivíduo, de um grupo ou aquela conservada pela mídia significa ter acesso a um tipo específico de fonte que deve ser analisada tendo em vista qual o enigma que ela auxilia a desvendar. As fontes são sempre espelhos deformantes cujas distorções cabe ao historiador reduzir (Ginzburg, 2002). Nessa direção, o fazer história a partir de qualquer fonte, sejam textos jornalísticos, romances ou depoimentos pessoais, impõe que o historiador respeite alguns princípios, como nos aconselha Ginzburg: a) qualquer ponto de vista é parcial e seletivo; b) as fontes devem ser encaradas com imagens que a sociedade deixa de si; c) os testemunhos presentes em qualquer fonte devem, sempre que possível, ser lidos às avessas com as ferramentas teóricas das disciplinas e saberes que apóiam o fazer história; d) apesar dos limites de qualquer fonte, a construção histórica não é incompatível com a apresentação de provas ou evidências para contar o que aconteceu ou o que as pessoas pensavam, faziam, sentiam ou que significado davam para suas ações no passado.

A memória também pode ser pensada a partir dos esquecimentos, silêncios e/ou recalques. Se a seletividade é algo quase evidente quando se pensa no conceito de memória, os esquecimentos como categoria não são tão claros e explícitos. Eles possuem uma função tácita na construção ou na proteção de identidades; logo, merecem uma atenção especial quando en-

tramos nesse campo de estudos. Estudos sobre a memória de refugiados de guerra, imigrantes, sobreviventes ao holocausto tomam o silêncio e os esquecimentos como objeto de reflexão e análise de trajetórias de indivíduos e grupos.¹

Os jornais têm sido um dos mais relevantes veículos de manutenção e “construção” da memória. Rememorar qualquer evento que ligue o presente ao passado tornou-se um dos motes do fazer jornalismo. No caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte. Durante a Copa do Mundo de 1970, por exemplo, o noticiário impresso lembrava a derrota na final da Copa de 1950, o fracasso na Copa de 1966 e as conquistas de 1958 e 1962, criando um “drama” no presente que aguçava os sentimentos de presságio, pelos fracassos, e de esperança, pelos êxitos. De fato, a tradição é construída pelas demandas do presente de afirmação de identidades, seja coletiva ou individual.

Assim, jogar contra qualquer forte adversário durante a Copa de 1970 provocava a necessidade de apresentar o futuro drama do jogo, que é singular e imprevisível, vinculado à tradição de vitórias ou derrotas do futebol brasileiro. A memória de vitórias e derrotas da seleção brasileira de futebol “funciona” como um mecanismo de defesa contra a imprevisibilidade do jogo. Como estratégia jornalística, tal ação coloca o presente em continuidade com o passado, fornecendo elos identitários e geracionais e apresentando o esporte como um “drama” que coloca a identidade em permanente tensão. Foi assim contra a Inglaterra, na época campeã da última Copa em 1966, foi assim (e continua sendo) contra a seleção uruguaia que derrotou o Brasil em 1950.²

De fato, as narrativas que antecederam ao jogo entre Uruguai e Brasil na Copa de 1970 evidenciavam o “drama” da derrota na final da Copa de 1950. O acionamento dessa memória “funciona” como um sinal de que não poderíamos, na época, deixar que a identidade do futebol nacional fosse mais uma vez arranhada pelo infortúnio de 1950. Em 17 de junho de 1970, o *Jornal do Brasil* destaca na capa do Caderno B: “Uma Batalha Que Se Repete”. Essa matéria relata a vitória do Uruguai em 1950 e sua superioridade em termos de raça e fibra naquele “histórico” jogo e ainda comenta que fomos vingados e estávamos redimidos daquela “desgraça” pela vitória que obtivemos no campeonato Sul Americano de 1959, em Buenos Aires. O selecionado brasileiro, em 1959, ao enfrentar o uruguaio teria, provado toda sua coragem, valentia, fibra e raça de seu povo: “[...] Didi, Paulo Amaral e outros, com golpes espetaculares, destruíram com os uruguaios” (*Jornal do Brasil*, 17/06/1970. Caderno B, p.1.).³ O argumento valorativo dessa vitória

¹ Para um estudo mais detalhado sobre o assunto, ver Pollack (1989).

² Para um estudo detalhado sobre a dimensão simbólica da derrota na final da Copa de 1950, ver Perdigão (1986).

³ A matéria alude ao fato de que os jogadores brasileiros não se intimidaram nesse jogo e ainda agiram de forma violenta em represália às atitudes do adversário.

ria funciona como vingança e redenção. Todavia, lembrar 1950 não deixa de funcionar como um rito de atenção para o perigo de se repetir o passado. A memória jornalística desloca-se para reler a “imagem construída” da suposta falta de raça dos jogadores da seleção brasileira de 1950 como infortúnio singular que as vitórias subseqüentes não só devem apagar, mas também afirmar que “somos um povo de raça” e que temos o melhor futebol do mundo.

A hipótese que trabalharemos ao longo deste texto é a de que as narrativas jornalísticas, ao rememorarem, no presente, eventos e personagens da Copa de 1970, selecionam (talvez não conscientemente) apenas os elementos necessários para apresentar ou reforçar uma “tradição construída” que se pauta na reafirmação do que se convencionou chamar de “futebol-arte”, como parte constituinte da identidade do brasileiro. As narrativas jornalísticas, no decorrer da Copa de 1970, enfatizavam o processo de treinamento físico, as estratégias de adaptação à altitude (baseada em conhecimentos científicos da época) e o empenho e disciplina daquele selecionado. Esses elementos, que foram considerados, na época, fundamentais na obtenção da vitória em 1970, acabam secundarizados nas atuais narrativas sobre a seleção de 1970.⁴ Um argumento que se desdobra da hipótese principal é a de que tal esquecimento, na memória jornalística, se dá em função de que as imagens da disciplina, do esforço, do planejamento, da rotina do treinamento e da ciência não se ajustam às imagens identitárias da “arte, da genialidade, da criatividade, da malícia ou malandragem” do jogador brasileiro. Se tomarmos as lentes damattianas (DaMatta, 1978), poderíamos pensar que o valor da disciplina e do esforço estaria mais próximo da figura do Caxias, não traduzindo bem aquilo que o brasileiro gosta de contar de si mesmo. Por isso, existem silêncios sobre esses processos do agir sob os marcos da rotina e da disciplina. O valor está focado em livrar-se das “situações difíceis, fazendo isso com alta dose de dissimulação e elegância, de modo que os outros venham a pensar que para o jogador tudo estava muito fácil” (DaMatta, 1982, p. 28-29). Enfatizar que uma bela jogada ou sucesso dos indivíduos, para além das capacidades individuais, é também produto de uma rotina de treinamento e esforço contraria o valor identitário da criatividade, do sucesso nas condições de carência, do dom e outras marcas de identidade.⁵ Os silêncios e esquecimentos sobre o processo de racionalização e treinamento árduo da seleção de 1970 auxiliam o reforço das “saudosas” imagens em que os gols de Pelé e Jairzinho e os passes de Gérson parecem fáceis e apenas revelam magia, genialidade e criatividade.

⁴ Foram selecionadas 23 matérias dos jornais O Globo e do Jornal do Brasil de 1970, durante o evento nos meses de maio, junho e julho.

⁵ No entanto, a biografia de Zico, jogador brasileiro mais consagrado na década de 1980, enfatiza peremptoriamente a disciplina e o esforço como atributos fundamentais rumo ao êxito. Isso demonstra que existem outras narrativas que valorizam a disciplina; entretanto, a narrativa do malandro é paradigmática do “ser brasileiro”. Para um estudo mais detalhado da biografia de Zico, ver Helal (2000). Ver também Helal (2003) para um estudo sobre a biografia de Romário, antagonista à de Zico.

Os brasileiros se identificam pela generosa riqueza da natureza e de seu grande território, pela alegria, criatividade e capacidade de adaptação de seu povo. A saudade daquele futebol considerado “arte genuína” e que teria emergido da mistura de raças de um “povo simples e alegre” é repetidamente acionada e renovada em nossa memória⁶.

O treinamento desportivo da seleção de 1970, calcado em bases científicas, é silenciado pela memória na medida em que entra em contradição com a visão romantizada do futebol no Brasil. O planejamento científico posto em prática na preparação física do selecionado brasileiro em 1970, se trazido à tona, poderia desmistificar a imagem do “futebol-arte”, a mesma que identifica o povo ao nosso futebol e vice-versa.

Memória, esquecimento e silêncio

Pollak (1989) analisa as memórias concorrentes, os esquecimentos e silêncios. Suas observações revelam como a memória se torna um meio para reforçar os sentimentos de pertencimento e coesão social ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros. Assim, poder-se-ia pensar que esse mecanismo está presente tanto na memória oficial quanto na dos excluídos. Os sentimentos e afetos são acionados quando se deseja coesão e reforço da identidade da nação ou de instituições pelos guardiões da memória oficial (símbolos, documentos, monumentos, museus etc.). Em contraposição, a memória subterrânea dos excluídos, das minorias e dos marginalizados contrários à memória oficial é construída pelos sentimentos de orgulho pelas características do grupo ou de desgraça e perdas situadas na memória entre gerações. O esteio de conservação deste último tipo de memória se situa nas relações familiares, nos grupos, nas categorias profissionais e seu meio de transmissão é em geral a oralidade. Nesses casos, o esquecimento e o silêncio exercem funções distintas:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (Pollak, 1989, p. 3).

De acordo com Pollak (1989), na questão do esquecimento, alguns fatos significativos são intencionalmente não selecionados na reconstrução do passado, muitas vezes, por motivo de proteção ou negação de algo que afeta o indivíduo ou um determinado grupo social. Os esquecimentos reve-

⁶ Para uma análise sobre as narrativas românticas do futebol, ver Lovisolo e Soares (2003).

lam sentimentos coletivos que tacitamente mantêm fatos e imagens nas sombras da memória. Tais imagens e fatos tendem a não desaparecer, pois são mantidos pela transmissão oral no interior dos grupos e ficam latentes à espera de melhores oportunidades de veiculação. Longe de ser um processo mecânico, a memória reconstrói e ressignifica o passado, às vezes, sob a pressão das demandas emocionais do presente.

O futebol torna-se um fenômeno de grande apelo popular na década de 1930 e, a partir daí, começa a ser amalgamado com a identidade do brasileiro. Pereira (2001) aponta que, desde 1931, o jornalista Mário Filho e outros cronistas do jornal O Globo iam centrando suas atenções sobre o surgimento de uma técnica caracteristicamente brasileira de extrema rapidez e de improvisações fulminantes nos momentos cruciais do jogo. Tal modo de jogar dos brasileiros foi sendo identificado como singular e único no cenário mundial. As narrativas sobre este estilo vão adquirindo uma intensidade crescente a partir de 1938. Nosso futebol dava forma a uma auto-imagem que permitia aos brasileiros se verem como os grandes mestres da bola. Tratava-se, assim, de afirmar, para além desses valores intrínsecos ao jogo, o valor da cultura local frente ao mundo. A produção de narrativas sobre o futebol assumia o discurso do pertencimento, isto é, da “essência” do ser brasileiro.

Diferente da construção da memória transmitida apenas pela oralidade, as narrativas jornalísticas empreendem um caráter documental que realimenta a oralidade dos leitores. Entretanto, não podemos encarar os escritos jornalísticos como imparciais pelo simples fato de serem fonte documental. Pelo contrário, as narrativas selecionam, editam e classificam as informações de acordo com o contexto dominante ou da correlação de forças, como analisado por Souto (2002), que intitula os jornais como “Senhores da memória”:

A memória seria uma seletiva reconstrução do passado, baseada em ações subsequentes – ou seja, não localizáveis nesse passado – em percepções e novos códigos, através dos quais se delinea, se simboliza e se classifica o mundo. A memória não preservaria o passado, mas o adaptaria, para enriquecer e manipular o presente (Souto, 2002).

Não assumimos a idéia da manipulação, no contexto da citação, de que existe uma “vontade superior” que fornece e adapta o passado ao presente, pois o processo parece ser mais complexo. Os jornais e os jornalistas necessitam criar os contextos de significado, seja para vender jornais seja para conquistar espaço na edição. Assim, a memória é um dos esteios utilizados para dar significado ao presente, ou melhor, a fatos que poderiam parecer, ao leitor, insólitos ou ocasionais.

A reconstrução da memória sobre a seleção brasileira de 1970 no espaço dos atuais jornais dá significado à tradição. Segundo Sussekind (1996), o presente e o passado do futebol ligam-se através de narrativas que constroem a mitologia do futebol. Uma das narrativas é “épica”,

formada pela história dos feitos heróicos do passado de times e jogadores, por mitos de “carne e osso”, que se identificam com os clubes, os quais denominou de “instituições-mitos”. Esse tipo de narrativa cria os vínculos entre gerações. Temos aí, por exemplo, a Seleção de 1970, o Santos de Pelé, o Botafogo de Garrincha, o Flamengo de Zico, o milésimo gol de Pelé etc. Outra narrativa, complementar a esta, seria aquela que estimula o consumo instantâneo do espetáculo pela massa. O “acúmulo do passado do futebol”, lembrado e reiterado no presente pelos narradores radiofônicos, cronistas, jornalistas e pelas velhas gerações de torcedores, formam a “narrativa épica” sobre o futebol e suas instituições. A articulação dessas narrativas permite que as novas gerações liguem-se ao passado heróico de suas “instituições-mitos”, atualizando-as com as experiências do presente.

Narrativas sobre a Copa de 1970 e na Copa de 1970

Os craques de 1970 – Pelé, Rivelino, Jair, Gerson e Tostão – e alguns jogadores de outras gerações são acionados pelos jornais para reacender a imagem do “futebol-arte”. As imagens veiculadas remetem à improvisação, aos floreios e aos dribles, denominados como “estilo brasileiro de futebol” ou “futebol-arte”. As narrativas mitificam os jogadores brasileiros como artistas naturais, esquecendo-se do aparato científico e das narrativas científicas que aparecem nos jornais no período da Copa de 1970. É como se a ciência fosse desmerecer o talento.

No esporte, em geral, nunca se está competindo apenas com o adversário. Também se está competindo com os feitos e heróis do passado. As narrativas sobre o futebol no Brasil ainda tomam a seleção de 1970 como um dos referenciais de orgulho na reafirmação de uma identidade positiva. O estilo de jogo da seleção brasileira de 1970 é o paradigma do futebol nacional. Embora datado, pretende-se afirmá-lo como um estilo atemporal que se confunde com a “natureza” do “ser brasileiro”. Tal imaginário transforma um bem cultural, nesse caso, o futebol, em expressão “natural da cultura”.

Numa enquête realizada por Salles e Soares (2002) com 50 entrevistados, homens e mulheres, de diferentes faixas etárias (17 aos 60 anos), observamos que suas respostas, quando questionados sobre “o que é o melhor do nosso futebol” ou “quais são os maiores jogadores de nossa história”, recaem nos jogadores e nas seleções de 1970 e de 1982.⁷ Dizem que essas

⁷ Interessante notar como a seleção de 1982, mesmo não tendo ido nem às semifinais da Copa, é lembrada como modelo de “futebol-arte”. Pesquisa realizada por Helal (2003) sobre a trajetória do jogador Romário na cobertura da imprensa na Copa de 1994 mostra que a seleção de 1982 foi lembrada várias vezes como um modelo “ultrapassado” de se

seleções representam a expressão do talento e da arte do nosso futebol. Os entrevistados fornecem uma profusão de informações, no qual fatos e lances são minuciosamente relatados, eivados de emoções e detalhes, independentemente da geração a que pertencem. No discurso desses informantes, encontra-se o paralelismo entre o mito do “ser brasileiro”, como alguém “festivo”, “criativo”, “alegre” e “moleque”, e o mito do nosso futebol. Tais dados apenas corroboram as interpretações de vários autores que se debruçaram sobre a relação futebol-sociedade no Brasil (DaMatta, 1982; Vogel, 1982; Guedes, 1982; Soares, 1994; Murad, 1996; Leite Lopes, 1994 e outros).

Os jornais não manipulam uma visão da sociedade brasileira sobre o futebol. Porém, eles maximizam ou reforçam o imaginário que nossa sociedade tem sobre seu futebol. A memória funciona, assim, como um importante mecanismo de reforço identitário. O ato de rememorar, que inclui os esquecimentos, auxilia a reconstruir e traduzir aquilo que se idealiza ser o futebol brasileiro e nosso povo. De fato, o futebol é um bom tema para contarmos histórias que gostamos de ouvir sobre nós mesmos.⁸

No rastreamento das matérias jornalísticas sobre a memória da Copa de 1970, constatamos 48 referências sobre o evento e seus protagonistas, durante as Copas de 1998 e 2002, tendo O Globo, um jornal de grande circulação nacional, como a fonte de controle das incidências do ato de rememorar a referida Copa. Todavia, lançamos mão de outros jornais, revistas e textos como fontes, sem levar em conta controlar as incidências e as categorias presentes. Em O Globo aparecem em 23 matérias jornalísticas (colunas, artigos ou notícias de cobertura) da Copa de 1998, durante o período de 25 de maio até 8 de julho de 1998 (véspera do jogo em que a seleção brasileira perdeu a final para a seleção da França), menções, comparações, lembranças dos jogadores e da seleção de 1970. Na Copa de 2002, observamos, em 25 matérias jornalísticas, durante o período de 28 de maio até o dia 30 de junho de 2002 (data em que a seleção brasileira sagrou-se pentacampeã), o mesmo tipo de rememoração. Ressaltemos que nos concentramos apenas nas matérias que tentavam articular o presente das competições (Copas de 1998 e 2002) aos jogadores, treinadores ou feitos rememorados da seleção de 1970. Ao controlarmos as matérias que abordavam os temas da arte e do suporte científico recebido pela seleção de 1970 nas edições das Copas de 1998 e 2002, pudemos constatar que o tema da ciência basicamente desaparece da memória. Em contrapartida, as matérias dadas em sincronia à Copa

“jogar bonito e perder” em contraste com a seleção dirigida pelo técnico Carlos Alberto Parreira, que ficou conhecida como “futebol de resultados”. Parte expressiva da mídia não celebrou a conquista de 1994, justamente por não reconhecer no estilo daquela seleção o “verdadeiro” estilo de jogo brasileiro.

⁸ Vejamos, por exemplo, o que diz Lovisolo (1989, p. 16) sobre o papel da memória: “a memória histórica se nos apresenta idealmente como âncora e plataforma. Enquanto âncora, possibilita que, diante do turbilhão da mudança e da modernidade, não nos desmanchemos no ar. Enquanto plataforma, permite que nos lancemos para o futuro com os pés solidamente plantados no passado criado, recriado ou inventado como tradição.”

de 1970 ressaltam o suporte científico – ainda que sem deixar de lado o tema da arte – que a seleção de 1970 estava tendo em sua trajetória de sucesso durante o evento.⁹

Um dado relevante é que os principais jogadores da seleção de 1970 ocupam significativos espaços na mídia, seja como comentaristas, treinadores, colunistas ou como pessoas públicas – Pelé, Zagalo, Parreira, Tostão, Rivelino, Gérson, Carlos Alberto Torres, para citar os principais. Por outro lado, Zagalo é um protagonista quando falamos em seleção brasileira no presente, e foi, no passado, além de afamado jogador, o treinador da seleção tricampeã. Esses atores são a memória viva nas páginas dos jornais, “fazendo” notícia ou sendo objeto da notícia.

As análises das matérias sobre 1970, durante as Copas de 1998 e 2002, tomam o êxito daquele selecionado como referência de comparação com o futebol da atualidade. A memória traz, como imagem dominante, a seleção tricampeã do mundo habitada por “gênios da bola” que dignificaram o “verdadeiro futebol brasileiro”:

“Titulares absolutos na seleção dos nossos sonhos”.

[...] Tostão e Pelé. Alguém duvida de que este time, mesmo sem os dois zagueiros centrais, ganharia fácil uma Copa do Mundo de campeões mundiais de todos os tempos? Claro que não. Os craques dessa seleção atemporal estão na França vendo de perto uma seleção brasileira da qual qualquer um deles seria o titular absoluto. (O Globo, Caderno Especial, 28/06/1998)

O debate em torno da qualidade do futebol a partir dos diferentes contextos históricos é extenso. A discussão se Pelé, Garrincha, Rivelino e Tostão teriam a mesma performance no atual contexto, quando velocidade e marcação rigorosa são imperativas, aparece, por exemplo, em vários programas esportivos.¹⁰ A seleção de 1970 representa a entronização e a confirmação do “futebol-arte”. Notemos, no entanto, que se verifica nos jornais de hoje, tensões em torno da imagem idealizada do “futebol-arte” – que tem a seleção de 1970 como principal referência. Essas tensões podem estar revelando os novos jogos identitários entre o global, o nacional e o local.¹¹ Vejamos, por exemplo, a seguinte afirmação do jornalista Aydano André Mota na página três do suplemento esportivo da edição do Jornal do Brasil do dia 23/06/2002:

⁹ Lembremos que a Copa de 1970 foi realizada no México, numa região em que a altitude limita o rendimento físico dos jogadores que jogam no nível do mar. Talvez, esse fato tenha feito com que o tema da ciência fosse altamente valorizado pelos jornais. Agradecemos essa observação ao Prof. Lovisoló.

¹⁰ Fica evidente que estamos diante de um tipo de narrativa própria do universo esportivo. No campo da ciência, principalmente na hard science, esse tipo de comparação não faz sentido. O passado é visto como parte da tradição de um determinado campo científico.

¹¹ Para uma análise sobre futebol e identidade nacional, tendo como base o material jornalístico sobre a Copa do Mundo de 2002, ver Helal e Soares (2003).

Qualquer que seja o destino brasileiro na Copa de 2002, deve-se consignar: será, pelos séculos, afora um prazer assistir ao futebol a vapor, aquelas imagens espetaculares, quase ficção. O eterno show de bola. Mas já passou da hora de encerrar comparações. Não há como medir o jogo de hoje baseado no de ontem. [...] A separar os dois, há um abismo de evolução tecnológica, científica que transfigurou o esporte. É como comparar tijolo com vaca. [...] Ronaldinho, Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho e alguns (poucos) outros não merecem ser condenado pela época em que vivem. São craques incontestáveis, como demonstram suas biografias. São o verdadeiro futebol brasileiro – o que ganha. Ao contrário de Denílson, essa inutilidade reboletiva que emplacou a segunda Copa consecutiva como redenção moderna do futebol a vapor. Até a China consegue anulá-lo.

Helal e Soares (2003), analisando essa tensão interna no jornalismo esportivo, completam: “[E]sse tipo de voz vem surgindo pouco a pouco na imprensa como uma reação de crítica interna ao jornalismo esportivo e, talvez, um embate entre gerações de jogadores, torcedores e jornalistas.”¹²

Mas as comparações não cessam. No jornal O Globo, a coluna de Fernando Calazans (O Globo, 28/05/2002, p. 4) informa o passado áureo

pois Tostão me diz que Gerson foi o jogador de meio de campo mais inteligente que ele conheceu. Além do armador e do lançador fora do comum, era esplêndido marcador por causa do sentido de colocação no campo. E Tostão arremata assim: – Gerson foi o maior depois de Pelé. Está faltando um Gérson na seleção do Felipão, finalizo eu.

Ressaltemos que Tostão e os demais jogadores representam, em carne e osso na mídia, a memória viva pressionando o presente. Esses atores se tornam a “voz verdadeira da memória”.

Se fizermos uma retrospectiva, após a conquista do bicampeonato, que ocorreu num curto espaço de quatro anos (1958-1962), os sentimentos de afirmação da identidade do futebol brasileiro, que desde a década de 1930, já vinha se desenhando, foram consolidados. Entretanto, como no esporte o diálogo entre passado e presente é permanentemente tenso, a derrota na Copa de 1966 foi lida, apenas quatro anos após, como decadência e atraso do nosso futebol. A imagem de atraso é constante na tradição das análises sobre o Brasil, que pode ser datada pelo menos desde o séc. XIX até

¹² Observemos que mesmo essa crítica esquece que o futebol da seleção de 1970 estava afinado com o que existia de mais moderno em termos de preparação física e treinamento. Esse é um bom exemplo para visualizarmos o papel que a memória exerce pressionando o presente e o futuro. Notemos também que um artigo de Joaquim Ferreira dos Santos (JB, 7/10/2001, p. 33) deu origem a um debate sobre o tema ao avaliar que o futebol de 1970 pelo videoteipe era “chato, medíocre e que naquela época era muito fácil de se jogar”. Imediatamente, esse artigo gerou resposta na coluna do Tostão e no artigo de Augusto Nunes, na edição do JB de 14/10/2001, p. 26.

nossos dias. A idéia de que a vitória da força predominou sobre a arte em 1966 pode ser traduzida como atraso do nosso futebol em relação às novas tecnologias do treinamento físico e tático.¹³ Saldanha explicita essa idéia:

Aimoré Moreira deu o grito de independência de nosso futebol tão agarrado às velhas fórmulas. [...] não é mais possível continuarmos vivendo do passado. Aquilo que era bom em 1958 e 1962 já não serve mais. Vou mudar tudo, de outra forma sucumbiremos. [...] Uns o apoiaram incondicionalmente (Aimoré) porque tinha razão. [...] Mas houve uma parte, cerca de metade, que não o apoiou. É sempre assim, quando as coisas novas são apresentadas. Ainda mais que sempre, com a boca cheia, os conservadores falavam das vitórias de 58 e 62. Esqueciam-se com muita facilidade do fracasso de 1966, na Inglaterra (João Saldanha).¹⁴

A Copa de 1970 viria recuperar triunfalmente o posto de “melhor futebol do mundo” e o retorno do orgulho nacional, às custas daquilo que os analistas e protagonistas da trama entendiam como reformulação e modernização do futebol nacional. Uma dessas mudanças foi a introdução do pioneiro e minucioso projeto de preparação física, montado pelos melhores especialistas da época, com bases científicas adquiridas por intermédio de intercâmbio com as escolas americanas e, principalmente, européias.

Algumas matérias jornalísticas explicitam a influência da preparação científica nesse selecionado. Uma delas é uma entrevista com João Saldanha realizada pela revista *High Sport* nº 51, poucos meses antes da Copa, em março de 1970:

Nós, do Brasil, sabemos de tudo que se passa a respeito de métodos de preparação física no mundo. O intercâmbio é muito grande, as escolas de Educação Física, que existem em todos os lugares, se correspondem, trocam informações. Os clubes brasileiros estão excursionando constantemente [...]. Faremos testes de Cooper (resistência, flexibilidade, velocidade e capacidade

¹³ Interessante notar como uma coluna de Nelson Rodrigues (1993) – em que ele “diagnostica” o “complexo de vira-latas” do brasileiro – escrita antes da estréia da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1958 – ganha uma dimensão atemporal que, volta e meia, é lembrada nas derrotas de equipes e selecionados brasileiros em competições internacionais. De fato, observamos que existe, até hoje, uma oscilação entre uma visão negativa que fazemos de nós mesmos com outra mais ufanista do tipo “com brasileiro não há quem possa”. Darcy Ribeiro (1972) já comentava a respeito dizendo que o brasileiro oscila entre o ufanismo tolo e o pessimismo exacerbado. As vitórias e derrotas da seleção em Copas do Mundo, até a década de 1970, demonstravam com muita nitidez essa oscilação. Nas últimas copas, observamos um esmaecimento dessa oscilação que une futebol e nação. As vitórias em 1994 e 2002 e a derrota em 1994 transcenderam pouco o universo esportivo.

¹⁴ O texto foi retirado de um recorte do jornal *O Globo*, sem registro de data, pertencente ao arquivo pessoal do Prof. Lamartine Pereira DaCosta.

pulmonar), e de acordo com os resultados obtidos, dividiremos os jogadores em três ou quatro grupos distintos, conforme suas características [...]. Naturalmente que faremos alguns treinamentos especiais, por exemplo com os goleiros (p. 28 a 30).

A valorização do treinamento e dos métodos científicos ficava explícita nos jornais e revistas da época, tendo nos membros da comissão seus principais porta-vozes:

Para Admildo Chirol, o principal motivo do excelente estado físico dos jogadores brasileiros foi a estada de 21 dias em Guanajuato, porque aumentou em quase o dobro a taxa de glóbulos vermelhos do sangue, num período ideal para adaptação à altitude (Jornal do Brasil, 10/06/1970, 1º caderno).

Para conseguir uma perfeição teórica, foi preciso combinar uma complicada mistura de métodos, experiências e ensinamentos. Chirol, por exemplo, consultou mais de cinquenta livros, aproveitou várias traduções de trabalhos alemães, suecos, ingleses e iugoslavos. A colaboração de Parreira foi mais acentuada nos trabalhos de resistência – baseados em métodos europeus. E o trabalho de velocidade – maior colaboração de Coutinho – foi tirado dos americanos.¹⁵

[...] segundo Admildo Chirol, já temos um título: somos campeões mundiais do preparo físico, o que foi comprovado por um órgão da Organização Mundial de Saúde [...] Para chegar a esta perfeição atlética, o Brasil seguiu o programa executado com todo o rigor científico. Para começar, escolheu uma equipe excepcional de preparadores físicos, integrada por Admildo Chirol, o capitão Coutinho (o melhor conhecedor do assunto no exército brasileiro, inclusive com o estágio no organismo que cuida da preparação dos cosmonautas norte-americanos) e Carlos Alberto Parreira, que conhece a fundo os métodos europeus. (Jornal do Brasil, 11/06/1970, Caderno B, capa.)

A última matéria citada não economizou elogios à racionalidade científica, pois afirma, categoricamente que, seja qual for o resultado da Copa, já detínhamos (ou nos auto-outorgávamos) o título de campeões de “preparo físico”.

A introdução da ciência no esporte não se limitava apenas ao treinamento físico. Trabalhar psicologicamente os atletas era uma tarefa muito importante, já que, inseridos em um ambiente novo, longe da família e sofrendo muitas exigências, os jogadores estavam suscetíveis a toda espécie de acontecimentos dessa natureza. “[...] a correta preparação psicológica foi

¹⁵ O texto foi retirado de um recorte da revista Veja, sem registro de data, pertencente ao arquivo pessoal do Prof. Lamartine Pereira DaCosta.

durante essa competição, e fatalmente o será na próxima Copa do Mundo, fator mais que importante para condicionar as excelentes performances aos dotes de cada um” (Revista Motel Clube de Minas Gerais, 1970, p. 14).

A narrativa do suporte científico na preparação das equipes era patente naquele contexto. Os relatórios da FIFA apontam que muitas seleções na época estudaram cientificamente o melhor processo de adaptação fisiológica dos atletas à altitude. A altitude era encarada como um forte adversário das seleções que vinham do nível do mar.

Embora treinos de preparação visando à escalação do selecionado tenham acontecido em 1966 e 1967, o ano de 1968 foi o começo da preparação completa da seleção brasileira. Depois de 35 dias sucessivos de treinamento em equipe, a seleção fez uma excursão longa em junho, jogando cinco partidas na Europa, duas partidas no México, duas contra o Peru e duas contra o Paraguai, completando 21 partidas. No ano seguinte, 1969, além de jogar 13 partidas, o Brasil visitou Bogotá, 2.630 metros de altitude, para um período de treinamento de 20 dias. A equipe selecionada para a competição da Copa do Mundo foi finalmente definida em 12 de Fevereiro de 1970, jogando nove partidas antes de chegar ao México no dia 1º de maio, exatamente um mês antes do primeiro jogo do torneio. [...] O programa de treinamento e preparação durante 1970 incluiu sete partidas oficiais em Montevideú e, então, a seleção foi recrutada no dia 18 de abril para uma excursão de aclimatação e um treinamento especial a caminho do México (FIFA, 1972).

O relatório da FIFA indica que várias seleções buscavam o conhecimento científico e o planejamento racional do processo de adaptação biológica e treinamento das equipes. No caso brasileiro, o professor Lamartine Pereira DaCosta já havia publicado internacionalmente um importante trabalho, “Altitude Training”, sobre as estratégias de adaptação à altitude.¹⁶

O debate sobre o suporte científico dando base aos programas de treinamento e adaptação biológica estava na pauta de nossos jornais em 1970. Como uma corrida à conquista do espaço, todos os países estavam preocupados com a melhor estratégia de adaptação de seus atletas, e a mídia tornava notícia esse tema: “o médico Napravnick disse que tudo ia bem, segundo os planos e os estudos realizados [...] Os tchecos, nos Pirineus, a 1.800 metros, foram treinados como se estivessem no México.” (Jornal do Brasil, 27/05/1970)

[...] o Brasil optou inicialmente por Guadalajara, de onde seguiu, uma semana depois, para a cidade de Guanajuato, distante três horas e meia de

¹⁶ DaCosta foi o assessor da comissão técnica da seleção brasileira para traçar o planejamento de adaptação à altitude. Ver anexo o rascunho do planejamento e o original publicado no Relatório da FIFA.

automóvel, a uma altitude bem superior. Os ingleses fizeram o contrário. Para princípio de atividade, decidiram passar doze dias na capital mexicana, relaxando o corpo e espírito. Terminado esse estágio, viajarão para Bogotá e Quito com a finalidade de jogar a uma altitude de 2.400 metros acima do nível do mar.(...) Quem está certo: o Brasil, que foi diretamente para Guadalajara, ou a Inglaterra, que prefere excursionar, voltando em cima da hora para disputar o campeonato mundial? (Revista Motel Clube de Minas Gerais, 1970, p. 14.)

As evidências apresentadas acima indicam como os jornais davam voz aos valores relacionados aos processos de treinamento balizados nos conhecimentos científicos da época. Todavia, as imagens que traduziam a arte do jogador brasileiro não eram negligenciadas nas narrativas. Naquele momento, as narrativas cientifizantes do futebol se conciliavam com as narrativas identitárias de nosso futebol.

[...] Zagalo abriu os olhos do futebol internacional para a nova concepção do time que não se divide mais em ataque e defesa [...] o título de 1970 deve ser exaltado com uma associação de valores artísticos e criativos. A técnica de Pelé e Gerson só levou o futebol brasileiro a final do Asteca porque um comando competente soube executar um programa de preparação física e de habilitação tática, a meu ver tão preciosos quanto o espírito de sacrifício dos jogadores' [...] submetido[s] a treinamento rigoroso e criterioso, o jogador brasileiro adquire um nível atlético que permite realizar plenamente sua luminosa técnica e, como é incomparável em habilidade, leva à loucura e exaure o rival dos pés à cabeça, tentando em vão bloquear a circulação da bola [...] em triunfo, também o treinador Zagalo, cuja glória, por sinal, pesa menos que a humildade, desequilibrou em combinar a ciência do futebol com a arte dos melhores jogadores do mundo e o que é mais admirável ainda: sem alterar nem o fulgor da técnica, nem o milagre da fantasia que fazem o encanto e a glória do futebol brasileiro (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 23/06/1970, p. 35).

Ao aliar a sincronização de um ballet europeu à improvisação quase mágica de seus atacantes, a seleção brasileira impôs um padrão de jogo que tonteou os europeus e deixou-os até agora sem justificativas lógicas para a goleada [...]. Os quatro gols brasileiros frente aos tchecos são um forte indício de que a Jules Rimet poderá ser levantada no estádio Asteca por braços bem menos louros do que os de Bobby More – os de Carlos Alberto (Jornal do Brasil, 05/06/1970, 1º. Caderno, p. 25).

A sincronização do balé europeu indica treino, persistência e perfeição conseguidos ao custo da disciplina e do esforço. Noutra direção, a narrativa traz a idéia de improvisação que se ajusta à imagem mais próxima da natureza e da sabedoria extraída de um contexto de necessidade, além da ênfase nas características étnicas, indicando a velha combinação, ao estilo

freireano, da irracionalidade com a racionalidade, da miscigenação cultural formando um equilíbrio de antagonismos (Soares, 2003).

Essa matéria, publicada após o primeiro jogo do Brasil, denota uma tendência jornalística iniciada após 1966 que encontra nos resultados de sucesso do selecionado uma espécie de confirmação de que não bastaria somente o talento ou a arte. O futebol brasileiro tinha que se modernizar sem perder sua identidade.

Como já argumentamos anteriormente, a idéia da ciência, do treinamento e do sacrifício, conciliada com as imagens identitárias do futebol brasileiro, presentes imediatamente após a conquista de 1970, vai se perdendo e sendo esquecida na memória jornalística em nossos dias. Os jornais, durante as Copas de 1998 a 2002, ligam o presente ao passado ressaltando imagens sobre as seleções do passado com marcas da criatividade, autenticidade e singularidade do jogador brasileiro. Nas matérias selecionadas em O Globo de 1998 e 2002, encontramos raras menções ao processo de treinamento físico e tático da seleção de 1970. As imagens que dominam são as da arte e da criatividade de nosso jogador:

1970: foram as páginas mais gloriosas da história da seleção brasileira e provavelmente de qualquer seleção campeã mundial. A equipe do Brasil de 1970, pelo talento de seus craques, pela tática e pela beleza de seu futebol, é a melhor de todos os tempos (O Globo, 30/06/2002, p. 4).

Na Copa de 1970, um verdadeiro dream-team do futebol venceu os sete jogos disputados e exorcizou parte dos fantasmas de 1950 ao derrotar o Uruguai nas semifinais por 3 a 1 (O Globo, 08/07/1998, p. 12).

O que fez a diferença em 1970, por exemplo, foi a qualidade excepcional do ataque (O Globo, 14/06/2002, p. 12).

[Referindo-se a Zagalo] Em 1970, dirigiu a seleção mais brilhante da história do futebol brasileiro (O Globo, 20/06/1998, p. 1).

[Denílson, identificando-se como continuador da tradição] Acho que os meus dribles são a alma do futebol brasileiro. Esse jeito de jogar nos consagrou¹⁷ (O Globo, 04/06/2002, p. 4).

Zagalo sentenciar:

Tenho saudades daquele futebol de arte, alegre e ofensivo. Não havia tanta velocidade, mas a preocupação com a marcação também era bem menor. Era realmente mais bonito – disse, incluindo-se nos times das viúvas de 1970 (O Globo, 22/06/1998, p. 3).

¹⁷ Fala de Denílson que pode ser interpretada como a demonstração de vínculo que o jogador tenta estabelecer com o passado, com a imagem de Garrincha.

Os esquecimentos se tornam mais evidentes quando a seleção de 2002 passa a obter sucesso durante a competição. Em O Globo de 17/06/2002, o sugestivo título é estampado: “Seleção sabe que só o título pode garantir lugar na história”. E o texto da matéria diz o seguinte:

O Brasil já teve cinco seleções que entraram para a história do futebol no país. quatro delas foram campeãs: a de 1958, a primeira de Pelé, então com 17 anos; a de 1962, com as travessuras de um ponta-direita de pernas tortas chamado Garrincha; a de 1970, com Pelé na sua melhor fase e uma legião de grandes jogadores; e a de 1994, com Romário em estado de graça. A geração que não ganhou mas ninguém esquece é a de 1982, com Júnior, Falcão e Zico sob o comando de Telê Santana. A família Scolari sabe que a única chance de fazer parte desse grupo é erguendo a taça (p. 4).

O conteúdo da matéria define os recortes históricos, elegendo os seus mitos em relação ao glorioso passado de nosso povo, nomeando os seus heróis e façanhas e relegando ao esquecimento qualquer marca que entre em contradição com a identidade de nosso futebol. O treino, a preparação, o sacrifício não podem receber destaque na medida em que contrariam, no Brasil, a idéia do improvisado, do jeito, do dom natural etc.

Conclusão

Os silêncios e os esquecimentos são essenciais na ressignificação do passado para garantir a continuidade e atualização da tradição. Na questão do futebol, as narrativas jornalísticas de 1998 e 2002, quando trazem à tona a memória sobre a Copa de 1970, silenciam o discurso da ciência, do treinamento físico e do planejamento que estiveram fortemente marcados nos jornais que cobriram os eventos de 1970. O papel da educação física e da medicina desportiva é silenciado em favor das narrativas identitárias do “dom” de nosso jogador. No Brasil, crê-se que o jogador nasce feito e desenvolve-se na várzea ou nas peladas, como indicam as narrativas produzidas por jornalistas, literatos e, às vezes, por cientistas sociais (Soares, 2001).

Os jornais, ao silenciarem o processo de racionalização do treinamento de 1970, vendem a imagem que alimentamos sobre “nós mesmos” e auxiliam a manutenção da identidade “mítica” de nosso futebol. Todavia, algumas narrativas, ainda que modestas, já aparecem em reação a esse processo, tornando tensa a relação entre passado e presente, entre o local e o global (Helal e Soares, 2003).

Uma evidência que mostra essas tensões identitárias é o artigo “Aos estetas do futebol a vapor”, já citado anteriormente, em que o jornalista Aydano critica o saudosismo que animam as análises do futebol no presente. O referido articulista diz que, “há pelo menos um par de décadas, ne-

nhum resultado consegue agradar a uma parcela robusta da torcida – além de um quinhão influente da crônica esportiva” (Jornal do Brasil, 23/06/2002, p. 3.). Para ele, o “verdadeiro futebol brasileiro” é o que ganha com ou sem a estética do passado. Como já argumentamos, mesmo essa reação coloca o passado, incluindo a seleção de 1970, como um futebol apenas feito por gênios naturais que brotaram da várzea ou dos terrenos baldios. Cai no esquecimento, como já dito, que a seleção de 1970 utilizou tudo que existia de mais moderno no processo de planejamento e preparação da equipe para aquela competição no México.

Por fim, se, por um lado, o esquecimento do treinamento e do planejamento com base em conhecimentos científicos reforça a identidade do futebol brasileiro, por outro, apaga da memória o importante papel que a educação física, a medicina desportiva e seus respectivos profissionais¹⁸ tiveram nesse glorioso momento da história de nosso futebol.

Referências

- DAMATTA, R. 1978. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Zahar.
- DAMATTA, R. (org.) 1982. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke.
- FIFA. 1972. *World Cup México 70*. Official FIFA Report.
- GINSBURG, C. 2002. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo, Companhia das Letras.
- GUEDES, S. 1982. Subúrbio: celeiro de craques. In: R. DAMATTA (org.), *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke.
- HELAL, R. 2000. As idealizações do sucesso no imaginário brasileiro. In: P. ALABARCES (org.), *Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*. Buenos Aires, CLACSO.
- HELAL, R. 2003. Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. In: P. ALABARCES (org.), *Futbológicas: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires, CLACSO.
- HELAL, R. e SOARES, A. 2003. O declínio da pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. COMPÓS 2003, Recife, *Anais...*, UFPE, CD-ROM.
- LANCE/SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. 1998. *Todas as Copas*. Rio de Janeiro, Gráfica Ediouro, p. 88-89.

¹⁸ Graças às pesquisas e à aplicação de um trabalho científico desenvolvido em equipe, os profissionais de Educação Física que compunham a Comissão Técnica da Copa de 1970: Cláudio Coutinho (Escola Americana), Admildo Chirol e Carlos Alberto Parreira (Escola Européia), em parceria com o trabalho pioneiro de “Altitude Training” do professor Lamartine Pereira DaCosta, influíram diretamente no êxito da conquista do Tricampeonato em 1970.

- LEITE LOPES, J.S. 1994. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista da USP – Dossiê Futebol*, 22:58-83.
- LOVISOLO, H. 1989. A memória e a formação dos homens. *Estudos Históricos*, 2(3):16-28.
- LOVISOLO, H. e SOARES, A.J. 2003. Futebol de várzea como crítica romântica. *Caderno Cultural da Revista Eletrônica Polêmica*, 8(jan/fev/mar).
- MURAD, M. 1996. *Dos pés à cabeça: elementos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro, Irradiação Cultural.
- PERDIGÃO, P. 1986. *Anatomia de uma derrota*. São Paulo, L&PM.
- PEREIRA, L.A.M. 2000. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- POLLAK, M. 1989. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3):3-15.
- RIBEIRO, D. 1972. *Os brasileiros. 1. Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- RODRIGUES, N. 1993. Complexo de vira-latas. In: R. CASTRO (org.), *A sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SALLES J.G. do C. e SOARES A.J. 2004. Soccer, the game passion - Memories of Brazilian fans. *The FIEP Bulletin*, 74:418-422.
- SILVA, H.R. da 2002. Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira História*, 22(44):425-438.
- SOARES, A.J. 1994. *Malandragem, futebol e identidade*. Vitória, Secretaria de Produção e Difusão Cultural/UFES.
- SOARES, A.J. 2001. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: R. HELAL; A.J. SOARES e H. LOVISOLO (eds.), *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro, Mauad.
- SOARES, A.J. 2003. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: P. ALABARCES (org.), *Futbologias: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires, CLACSO.
- SOUTO, S. 2002. *Imprensa e memória da Copa de 50: a glória e a tragédia de Barbosa*. Niterói, RJ. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense.
- SUSSEKIND, H. 1996. *Futebol em dois tempos*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- VOGEL, A. 1982. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: R. DAMATTA (org.), *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothek.